

## **O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM, MAS E A MULHER? O RISO NA IMPRENSA FEMINISTA DO CONE SUL**

### **THE WORK DIGNIFIES THE MAN, BUT WHAT ABOUT THE WOMAN? LAUGHTER ON THE FEMINIST PRESS OF THE SOUTHERN CONE**

#### **Resumo**

O riso tem provocado frequentes debates em função de seu caráter politicamente ‘incorreto’, o qual, teoricamente, serve à desqualificação de algo ou alguém. Embora essa perspectiva seja muito difundida, periódicos feministas do Cone Sul, publicados na segunda metade do século XX, fizeram amplo uso dessa ferramenta, por meio de charges e tirinhas, para problematizar uma série de questões feministas. Dentre os temas mais relevantes e recorrentes citamos o trabalho doméstico, assunto que até hoje ocupa uma série de debates que compõem o cerne das problemáticas feministas. Diante disso, temos como proposta analisar uma série de charges e tirinhas para observar como o riso foi apropriado como gesto subversor na reflexão sobre o trabalho doméstico nos países do Cone Sul, região em que o assunto foi uma preocupação constante.

**Palavras-chave:** Riso. Periódicos feministas. Cone Sul. Trabalho doméstico. Gesto subversor.

#### **Abstract**

The laughter has caused frequent debates due to its politically ‘incorrect’ character, which theoretically works as a disqualification of something or someone. Although this perspective is broadly spread, feminist journals of the Southern Cone, published on the second half of 20th century, made extensive use of this tool through cartoons and comic strips, addressing lots of feminist issues. Among the most relevant and recurring themes, we quote housework, topic which until today brings series of debates that make the core of feminist issues. Therefore, we purpose to analyze cartoons and comic strips to observe how the laughter was appropriated as a subversive gesture on the reflections about housework in the Southern Cone countries, a region in which the topic was a constant concern.

**Key-Words:** Laughter. Feminist journals. Southern Cone. Housework. Subversive gesture.

---

#### **Cintia L. Crescêncio**

Doutoranda em História. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Bolsista CNPq

E-mail: cintialima23@gmail.com

#### **Soraia C. de Mello**

Doutoranda em História. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. - Bolsista Capes

E-mail: soraiaa.mello@gmail.com

Em tira publicada no primeiro número do periódico feminista *Mulherio*<sup>1</sup>, em 1981, Cecília Whitaker Vicente de Azevedo Alves Pinto, mais conhecida pelo grande público como Ciça<sup>2</sup>, problematizou uma das questões mais importantes para os movimentos feministas chamados de Segunda Onda<sup>3</sup> no Cone Sul: o trabalho doméstico. No diálogo composto por uma família representada por animais, leitoras e leitores

são confrontadas/os com a dura e desigual realidade que constituía, e ainda constitui, a rotina de milhões de mulheres que precisam enfrentar o trabalho doméstico diariamente.

No primeiro quadro é possível identificar uma galinha que afirma alegremente: “Hoje é feriado! Declaro que hoje é feriado pra mim também. Não vou fazer nada a não ser descansar.” Na sequência a personagem da cena é interpelada por uma série de falas que questionam: “Mas e a casa? E o rango?” Ao que a mãe da família responde: “Cada um arruma suas coisas! Cada um prepara o seu lanche!” No terceiro e último quadro que finaliza a tirinha, um

galo que representa a figura do pai de família pergunta inconformado: “Você quer nos obrigar a trabalhar num feriado?” O diálogo encenado por uma família de animais, com linguagem simples e mensagem bem humorada, aponta para o tema do trabalho doméstico como um problema de mulheres e, visto seu lugar de publicação, um periódico feminista, como um problema feminista. Na construção desse problema como uma tirinha, o absurdo está no exigir que outros elementos da família, que não a mulher, entendida aqui como mãe e esposa, desempenhem trabalhos como cozinhar e cuidar da casa.

A tirinha que trazemos em destaque, a figura 1, é apenas uma amostra de amplo número de tirinhas e charges que foram localizadas em pesquisa empreendida em periódicos feministas que circularam no Cone Sul durante as ditaduras civil-militares nas décadas de 1970 e 80. Os temas são os mais variados: violência, maternidade, aborto, educação, feminismo, contracepção, sexualidade; assuntos que marcaram a agenda feminista na segunda metade do século XX. Apesar da diversidade temática que identificamos no levantamento de fontes, destacamos que o trabalho



Figura 1. CIÇA. *Mulherio*, São Paulo, nº zero, março/abril 1981. P. 4

1 “Na década de 80, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas envolvidas com o estudo da condição feminina no Brasil preocuparam-se em sistematizar informações sobre o assunto. No início, a proposta era compor um boletim de notícias que fizesse o intercâmbio entre as diversas instituições e estudiosos do tema. (...) Em sua edição número zero, o grupo constituído de pesquisadoras e jornalistas deixa entrever o fio condutor que permeará o jornal quando anunciam o compromisso em tratar as matérias veiculadas “de uma maneira séria e conseqüente, mas não mal-humorada, sisuda ou dogmática...” Assim, declarada de público a intenção, levam a letra impressa à risca e transformam, claro, que entre altos e baixos, o singular boletim de março/abril de 1981 em um tablóide efervescente e precursor de tendências, até 1988.” Disponível em: <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/historia.html> Acesso em 24/07/2012.

2 Cecília Whitaker Vicente de Azevedo Alves Pinto tornou-se mais conhecida com sua série “O Pato” de 1986, publicada em jornais do Brasil e da Europa, destaque para O Pasquim. Explorando animais como patos, passarinhos e galinhas, Ciça ilustrou períodos complexos da história brasileira, como a ditadura militar. GOIDANICH, 2011, p. 95.

3 A história dos movimentos feministas costuma ser dividida em duas grandes ondas. A Primeira faz referência ao final do século XIX e início do século XX, quando mulheres reivindicaram a ampliação de direitos civis, principalmente o voto. Já a Segunda Onda, iniciada em meados de 1960, é lembrada por seu lema “o pessoal é político” em que temas como corpo, sexualidade, subjetividade estavam em pauta. Os feminismos mais institucionalizados que trabalham através de ONG’s, universidades e em contato direto, muitas vezes por dentro de estruturas dos governos, foram considerados os feminismos de Terceira Onda, mas muitas teóricas falaram também em uma Quarta Onda feminista. Do ponto de vista didático essa estrutura não é descartável, no entanto, é importante perceber que os feminismos foram construídos, vividos e experimentados de diferentes maneiras ao redor do mundo. Exemplo disso são os feminismos do Cone Sul, recorte geográfico principal desse trabalho, onde as preocupações feministas dialogavam diretamente com a realidade dos países, não seguindo necessariamente essa divisão de Ondas.

doméstico desponta, nas charges e tirinhas, como a principal preocupação e, conseqüentemente, como elemento central no uso do riso como instrumento subversivo.

A partir dessa constatação apresentamos o objetivo do presente artigo que é, por meio da exploração de charges e tirinhas publicadas em periódicos feministas do Cone Sul entre as décadas 1970 e 1980, analisar de que maneiras o riso foi utilizado como ferramenta subversiva para a desconstrução de modelos, estereótipos, expectativas, preconceitos e invisibilidades que demarcavam o trabalho doméstico naquele momento. Nesse sentido, pretendemos explorar algumas das tiras e/ou charges dos periódicos aos quais tivemos acesso que tenham abordado o tema trabalho doméstico, examinando para isso, não só as configurações textuais, como também os sentidos iconográficos sugeridos pelas imagens.

Para tanto observamos excertos das seguintes publicações: as brasileiras *Brasil Mulher* e *Mulherio*; *Cotidiano Mujer* e *La Cacerola*, do Uruguai; *Persona* da Argentina; e *La Escoba* da Bolívia.<sup>4</sup> Essas publicações, respeitadas suas especificidades no que se refere aos grupos que as produziam e distribuíam, os seus locais de produção, bem como suas preocupações temáticas, são periódicos convencionalmente considerados alternativos, em função de não se enquadrarem no que se denominou grande imprensa (promotora de grandes lucros, dependente das empresas patrocinadoras, voltada a interesses comerciais). A isso se alia ainda o fato de serem periódicos produzidos por mulheres e que tinham como mote principal políticas e reivindicações voltadas especificamente às mulheres.

A imprensa alternativa, que nesse artigo é representada por jornais surgidos durante as ditaduras em oposição aos regimes políticos vigentes<sup>5</sup>, segundo Anne Marie-Smith, tinha alguns

interesses de cobertura: “Entre as matérias cobertas pela imprensa alternativa contam-se a política, cultura, humor, ficção, questões raciais, feminismo, direitos dos homossexuais e assuntos comunitários” (SMITH, 2000: 58-59). Apesar dos temas inovadores que preenchiam as páginas das mais diferentes publicações alternativas, boa parte destes impressos abandonava o humor politicamente desafiador em benefício do humor absurdamente racista e sexista (SMITH, 2000: 64). Nesse sentido, para além do que se convencionou chamar de imprensa alternativa, ressaltamos as fontes com que trabalhamos aqui como publicações feministas, em função da categoria ‘alternativa’ não exprimir de maneira mais completa o que significaram esses periódicos em um contexto de ditaduras, mas também de emergência de feminismos.

Bernardo Kucinski, em obra dedicada a dissertar sobre a imprensa alternativa no Brasil, narra parte da história de periódicos que surgiram em oposição ao regime civil-militar, como *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião*. Em uma ampla lista com 150 títulos o pesquisador destaca também a existência de uma imprensa feminista como integrante desse espaço alternativo em que o grande elo era o confronto às ditaduras vigentes (KUCINSKI, 1991). Entretanto, Elizabeth Cardozo, inserindo a imprensa feminista nesse universo alternativo, averiguou em sua pesquisa a existência de nada menos que 75 periódicos feministas no Brasil (CARDOZO, 2004: 11), em contraposição ao número de 6 periódicos feministas listados pela obra de Bernardo Kucinski. Essas informações são preciosas para pensarmos a importância da imprensa feminista nesse momento, não só de oposição ao governo, o que a vincula aos movimentos de resistência à ditadura, mas como evidência da organização dos movimentos feministas, e que de certa maneira tem sua amplitude e o espaço que ocupou invisibilizada dentro da própria resistência, ou da história da imprensa alternativa.

Este artigo traz três partes introdutórias, a serem

4 Os periódicos consultados fazem parte do acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História – LEGH da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

5 Os periódicos consultados fazem parte do acervo do Laboratório de

Estudos de Gênero e História – LEGH da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

exploradas brevemente, que julgamos adequadas para inserir leitoras e leitores no debate acerca do riso, dos movimentos feministas e do trabalho doméstico, nossos motes de problematização. A primeira parte trata sobre o potencial do riso como ferramenta interventora no que se refere à reflexão sobre determinadas temáticas como, por exemplo, o trabalho doméstico. A segunda apresenta um pouco da história dos movimentos feministas no Cone Sul nas décadas de 1970 e 1980, constantemente subjugada em benefício de uma história das ditaduras civil-militares. A terceira refere-se especificamente à questão do trabalho doméstico desempenhado gratuitamente pelas mulheres, essencial à vida humana e que é, geralmente, imperceptível em função de sua não-valorização social. Assim, no presente texto, antes de explorarmos as tiras e charges selecionadas para análise, pretendemos elaborar alguns esclarecimentos sobre esses tópicos que, em nossa percepção, colaboram na compreensão das fontes levantadas.

### **Riso: arma de destruição ou de construção?**

O riso tem sido percebido pela historiografia feminista como elemento fundamental na construção de estereótipos, ou seja, em seu sentido danoso, desqualificativo, capaz de fazer rir por meio da chacota e da piada. O fazer rir, portanto, é articulado de maneira recorrente à ridicularização de algo ou alguém, o que o tornaria um instrumento de destruição. Quentin Skinner (2002: 9) destaca que por meio do riso podemos arruinar a causa do adversário e persuadir a audiência através do insulto. O humor, portanto, vem sendo entendido como ferramenta capaz de combater posturas políticas, sociais, culturais. Rachel Soihet (2005: 609), pesquisadora que dedicou grande atenção ao estudo do jornal alternativo *O Pasquim*<sup>6</sup>,

concluiu em seus estudos a existência de um aspecto perverso nas insinuações de seus produtores em relação às feministas, apontando tais atitudes como modalidades de violência simbólica contra mulheres. Já Henri Bergson (1978: 98) destaca que o riso é um gesto com significação e alcance sociais, mas que acaba servindo como castigo que se estabelece por meio da humilhação.

Quentin Skinner e Henri Bergson são acionados quando o objetivo é comprovar o caráter danoso que pode ser assumido pelo riso, na medida em que o fazer rir, como no caso da pesquisa de Rachel Soihet, pode ser usado no ataque, na desqualificação e na destruição de projetos que visam à transformação social e a integração das chamadas minorias ao estado de direito. Entretanto, ao lançarmos um olhar atento a outras produções que procuram compreender o riso para além de seu status nocivo, podemos identificar as potencialidades desse instrumento que, se explorado em seu viés revolucionário, pode servir à desestabilização de lógicas sociais e culturais assimétricas, exemplo muito bem personificado pelas reivindicações feministas que aqui observamos.

Nessa perspectiva destacamos Mikhail Bakhtin que, ao dissertar sobre a cultura popular medieval, destaca que o riso “[...] jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém jamais conseguiu torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação [...]” (BAKHTIN, 2002: 81). O referido autor, portanto, apresenta um outro olhar para o riso, apontando-o como não-oficial e, principalmente, como uma arma de liberação. Isto é, o riso nas charges e tirinhas que pretendemos analisar, nessa lógica, funciona mesmo como uma arma, uma forma revolucionária de pensar o mundo e, portanto, como uma outra construção possível. Submetido a essa mesma linha de pensamento, ressaltamos o trabalho de Elias

6 Juntamente com Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil e Jaguar, Millôr funda o semanário *O Pasquim* em 1969 (MARCONI, 1980, p. 308). Inaugurado em um dos momentos mais tensos da ditadura brasileira, um ano após a decretação do AI5, a publicação prometia inovar dentro da própria imprensa alternativa. Conforme Andréa Queiroz: “O *Pasquim* possuía uma linguagem diferente dos outros alternativos da época. A principal idéia era

dar voz a uma intelectualidade boêmia da zona Sul do Rio de Janeiro, mas sem um engajamento político-partidário. Era um grupo interessado em contestar o conservadorismo da classe média, da qual eles mesmos faziam parte, como também criar um canal de debate e oposição à ditadura civil-militar (1964-1985)” (QUEIROZ, 2010, p. 8).

Thomé Saliba que, em obra sobre a representação humorística nas primeiras décadas do século XX no Brasil, apontou que, se o humor serviu ao reforço de estereótipos, também se prestou a desconstruí-los, funcionando como uma visão de mundo, mais do que como um estado de espírito (SALIBA, 2002: 15). Ou seja, o riso e o humor, massivamente compreendidos como um desserviço a determinadas causas, ao ser apropriado como uma visão de mundo permite a superação de sua lógica danosa em benefício de seu potencial subversor.

Nossa proposta é, diante do que foi exposto, filiar-nos a uma noção diferenciada do riso, compreendendo-o como uma visão de mundo percebida por mulheres feministas que produziam esses periódicos, bem como essas intervenções humorísticas, como um gesto profundamente revolucionário e subversor. Mais do que uma reação aos ataques sofridos desde o século XIX, quando jornais já publicavam piadas machistas e misóginas, percebemos o uso do riso nos casos apontados como um elemento essencial para a construção de uma outra lógica social, cultural e política. Se o riso serviu à misoginia de impressos alternativos, para os periódicos feministas ele serviu de intermediário à construção de uma outra realidade. Nesse sentido, podemos considerar o riso uma ferramenta que pode ser usada para diferentes propósitos, nem inerentemente revolucionária, nem necessariamente conservadora.

### **Movimentos Feministas e o Cone Sul**

Pensando sobre os feminismos<sup>7</sup> que se desenvolveram no mundo ocidental a partir das décadas de 1960, há alguns anos era comum (ao

7 Entendendo os movimentos feministas emergidos nos anos 1960 e 70 (mas não somente), como iniciativas nem sempre alinhadas politicamente umas às outras, as quais não possuíam uma coordenação geral ou liderança fixa, utilizamos o plural para marcar seu caráter heterogêneo, rizomático e muito mais voltado à noção de parceria em rede do que de movimento ou frente de luta. Não há dúvida que um grande movimento feminista com características comuns pode ser identificado nesse período, mas nosso olhar mais aproximado faz-nos enxergar essa heterogeneidade, a qual achamos importante frisar.

menos mais comum que em nossos dias, mas essa noção continua corrente) se falar sobre como as teorias e ideias feministas ‘chegaram’ à América Latina por volta dos anos 1970. Nesse pensamento, que de alguma forma percebe na América do Norte e na Europa um centro intelectual que irradia suas ideias revolucionárias e novidades comportamentais para as periferias, que incluiriam a América Latina, caberia bem o sentido de Ondas Feministas (HEMMINGS, 2009), movimentos irradiadores semelhantes a uma pedra que cai na água, causando uma onda a partir de um centro que se abre, se espalha, e conforme sua expansão também perde força (PEDRO, 2011). Entretanto, se partirmos de uma premissa diferente, de circulação e apropriação de ideias, de leituras, de teorias, podemos observar os feminismos sul-americanos como integrantes dos movimentos feministas do período, com características próprias e contribuições que circularam também para os lugares tradicionalmente vistos como centros.

Gostaríamos de abordar a história dos feminismos desse período, no Cone Sul, a partir da segunda perspectiva, de ampla circulação e apropriação de ideias, motes de luta e problematizações<sup>8</sup>. Essa nos parece uma abordagem especialmente pertinente, principalmente ao pensarmos sobre a relação dos feminismos no Cone Sul com as esquerdas e as iniciativas de resistência no período. Na América do Norte e na Europa havia, sem dúvida, feministas de esquerda, integrantes de partidos ou não, engajadas em diversas lutas além daquela contra a opressão das mulheres. Mas os governos de exceção resultantes dos golpes militares neste período na América Latina trouxeram questões pontuais, específicas e urgentes aos países do Cone Sul. Dessa forma, as feministas aqui lidaram com perseguições políticas que

8 Sobre circulações entre feminismos no Cone Sul, em especial entre Brasil e Argentina, é importante citar Ana Maria Veiga (2009) e Joana Vieira Borges, com projeto de doutorado em vias de defesa intitulado *Trajatórias e leituras feministas: Brasil e Argentina (1960-1980)*. Também é muito importante citar o projeto “Do feminismo ao gênero - circulação de teorias e apropriações no Cone Sul (1960-2008)”, desenvolvido no Laboratório de Estudos de Gênero e História na UFSC, e coordenado pela professora Dr<sup>a</sup> Joana Maria Pedro, o qual abriga diversos trabalhos de pesquisa, monografias, teses e dissertações, dentro dessa grande temática.

resultaram em desaparecimentos, prisões, torturas, exílios, que as afetavam diretamente, além de afetarem seus entes queridos e outras pessoas próximas, assim como modificavam seus diálogos e prioridades nos espaços de militância, tanto no feminismo quanto na esquerda.

Esses acontecimentos, além das características sociais, culturais e econômicas gerais, se em comparação com os feminismos do Norte, certamente delinearam demandas e preocupações específicas nos feminismos do Cone Sul. Também problemas peculiares, como os citados anteriormente, entre outros. Um exemplo que pode ser dado é a acusação comum que as feministas sofriam por parte de grupos de esquerda (mesmo quando estas eram integrantes desses grupos), de terem preocupações pequeno-burguesas face à revolução proletária. Defendia-se que, com a vitória do proletariado e da revolução, a opressão de todas as pessoas seria sanada, inclusive a das mulheres. Nesse sentido, colocar qualquer luta ‘menor’ a frente da revolução seria um desvio reformista pequeno-burguês que apenas a atrasaria.

Em grupos de esquerda do Norte essa acusação também surgia, mas no Cone Sul, diante das perseguições ditatoriais, era muito mais fácil obter legitimidade nesse tipo de discurso, justificando que a luta contra as ditaduras era mais urgente que, por exemplo, a divisão do trabalho doméstico nos lares. A ameaça constante à liberdade e à vida das pessoas, que por um lado impulsionou muitas iniciativas de resistência, por outro surgiu como argumento para se abafar demandas entendidas como secundárias, como o caso das reivindicações feministas.

Apesar disso, mulheres envolvidas com grupos de esquerda, em diferentes níveis, no Cone Sul, engajaram-se em lutas especificamente feministas. Sentiram a necessidade de dar atenção especial àquilo que entendiam como condição feminina. Organizaram grupos de reflexão, nos quais discutiam suas experiências; protestaram nas ruas, fizeram trabalhos de base em comunidades, em grupos de mães e em

associações de bairros populares; além de fundarem jornais. Também fortaleceram os estudos acadêmicos sobre mulheres e puderam contribuir de forma ampla com os feminismos do Ocidente, trazendo diferentes olhares e experiências sobre a questão da mulher, que paulatinamente foi pluralizada e entendida como questões das mulheres.

Entretanto, o período que estudamos ainda marca o foco em uma opressão geral, que afetaria a todas as mulheres, e por isso a noção de união, de irmandade, na luta contra o machismo, era muito forte. Em alguns periódicos com os quais trabalhamos, a partir de meados da década de 1980, essa noção de união pode aparecer mais relativizada, uma vez que as diferenças entre as mulheres consideradas oprimidas (seja em função da classe, da etnia, da geração, da nacionalidade etc.) vinham ganhando atenção das feministas. Contudo, na seleção temática sobre o trabalho doméstico feminino, como veremos nas fontes, é marcante a possibilidade de apostar nessa grande luta geral feminista pela liberdade. Como exemplo ilustrativo trazemos na sequência, na figura 2, uma charge de Henfil,<sup>9</sup> a qual encontramos em um periódico feminista brasileiro e posteriormente em um uruguaio, nos anos 80, sobre a dupla jornada de trabalho feminina. É uma imagem que facilmente se faria entender em diferentes países do Cone Sul (e do mundo), pois, apesar de suas peculiaridades, a dupla jornada de trabalho das mulheres, assim como outras questões do trabalho doméstico feminino, eram comuns.

Desse modo, além de compreendermos o riso como um gesto subversor explorado sagazmente pelas publicações feministas do Cone Sul, também chamamos a atenção para a singularidade dos feminismos emergidos nessa região do globo que, embora tenham se relacionado com publicações e ideias feministas estrangeiras, construíram suas

9 Henrique de Souza Filho, Henfil, passou por quase toda a imprensa nacional, entre eles destaque para O Pasquim e Folha de S. Paulo. Publicou livros e suas séries de maior destaque são Os Fradinhos e Zeferino. Faleceu ainda jovem, em 1987, aos 43 anos (GOIDANICH, 2011. p. 215).

bandeiras e modos de luta de forma bastante singular. A produção de Henfil reproduzida a seguir, portanto, não só pontua um tema de grande preocupação feminista, mas também assinala o diálogo estabelecido entre os países do Cone Sul sobre as reivindicações feministas. Essa circulação ‘interna’, no Cone Sul, assinala uma ‘importação’ bem menos ‘importada’ de materiais, ideias e discussões do que a prevista por parte da historiografia que insiste em localizar os feminismos periféricos como devedores de países como Estados Unidos e França.



Figura 2. Imagem retirada de Mulherio, ano 2, nº 7, p. 04; também presente em La Cacerola, ano 1, nº 2 p. 07.

### Trabalho doméstico dignifica as mulheres?

O trabalho doméstico feminino foi uma das grandes questões, se não a central, nas problematizações dos movimentos feministas que ganharam força a partir dos anos 1960. Um trabalho efetuado no âmbito privado, invisibilizado, não reconhecido como trabalho apesar de indispensável para a vida

em sociedade, só percebido quando não efetuado, associado ao amor à família e gratuito quando executado dentro do seio familiar. Essas são algumas das características apontadas pelas feministas que reforçariam sua desvalorização. Obras clássicas do feminismo desse período, como *O segundo sexo*<sup>10</sup> da existencialista francesa Simone de Beauvoir e em especial *A mística feminina*<sup>11</sup> da estadunidense Betty Friedan, tratavam do isolamento das mulheres nos lares e suas consequências.

Enquanto Simone de Beauvoir escrevia mais preocupada com a inserção das mulheres na esfera pública, na busca de que estas fossem tratadas como uma pessoa, um indivíduo, não uma pessoa de segunda categoria, inferiorizada por seu sexo, Betty Friedan se voltava a toda uma geração de donas-de-casa americanas, que viviam um mal estar por ‘terem tudo’, mas sentirem um grande vazio, uma grande insatisfação. Lotando consultórios médicos e psiquiátricos, muitas vezes com doenças psicossomáticas, as mulheres que durante a guerra se sentiram ativas e integradas socialmente se sentiram sufocadas na volta aos lares, depois dos filhos estarem criados e com o american way of life à sua disposição, mas sem saber muito o que fazer com ele. É o que a autora chamou de mal sem nome, a mística feminina.

No Cone Sul essas obras foram lidas, apropriadas de diferentes formas (BORGES, 2007). Betty Friedan não costumava ser citada porque no período, uma feminista norte-americana (ainda que alinhada à esquerda) não era leitura bem quista entre os grupos de esquerda e de resistência à ditadura. Entretanto, podemos encontrar ideias fomentadas por sua obra em escritos feministas daqui, ou seja, percebemos citações indiretas. Já Simone de Beauvoir era um nome mais presente, importante por suas duras críticas à clausura e à alienação da vida doméstica, e uma citação sempre bem vinda pela figura política que representava. No Brasil temos alguns nomes

<sup>10</sup> Publicada na França em 1949 e no Brasil em 1970.

<sup>11</sup> Publicada nos EUA em 1963 e no Brasil em 1971.

de teóricas importantes que se voltaram ao trabalho doméstico feminino no período, como Heleieth Saffiotti, Cristina Bruschini e Danda Prado, esta última com importante obra publicada nesse sentido no Brasil em 1979, *Ser esposa: a mais antiga profissão*.

É importante ressaltar que, no Cone Sul, salvo algumas exceções (como podemos encontrar na Argentina no começo dos anos 1970), os feminismos ganharam força com mulheres que participavam de grupos de esquerda, de partidos, de grupos armados ou apenas como simpatizantes. É uma ressalva importante, porque os problemas da esquerda perpassam as problematizações elencadas por algumas dessas feministas. Não temos espaço aqui para detalhar os grupos que organizavam cada periódico, mas temos periódicos alinhados a partidos, ou independentes que deixam clara sua posição de solidariedade à luta geral. Esse fator, somado à presença das ditaduras militares, traz questões muito específicas para os feminismos do Cone Sul acerca do trabalho doméstico.

Como exemplo, temos militantes de esquerda que alegaram ter se tornado feministas no exílio quando, na impossibilidade de contratarem empregadas domésticas, perceberam que seus companheiros em nada colaboravam nesse trabalho, e nem o reconheciam como uma obrigação conjunta.<sup>12</sup> Inclusive, nas circulações e trocas entre feminismos, as feministas sul americanas sofreram críticas por seu feminismo se construir sobre o trabalho de outras mulheres, no sentido em que elas só podiam militar porque contratavam, a baixos salários, mulheres mais pobres para substituí-las em suas obrigações domésticas (HAHNER, 1978). Muitas das soluções apontadas pela produção impressa desses feminismos à questão do trabalho doméstico também encontrava eco em sua relação com a esquerda e a resistência à ditadura de forma geral: baseadas em experiência da primeira fase da revolução bolchevique, propunham a socialização do trabalho doméstico através do Estado,

12 Exemplo citado em entrevista realizada com Ângela Xavier de Brito, em 28 de novembro de 2005, em Paris, por Joana Maria Pedro. Acervo do LEGH.

com a oferta de restaurantes populares, lavanderias e creches públicas coletivas<sup>13</sup>. As vozes, nesse sentido, não eram unívocas, e muitas feministas enxergaram nessas soluções coletivas uma forma de não politizar o privado, de não precisar discutir em seus próprios lares a exploração do trabalho feminino pela família.

Como é de se esperar, esse alinhamento das feministas com a esquerda poderia variar conforme o grupo ao qual determinadas feministas se aproximavam mais, e ainda assim nem sempre se dava sem atritos. A maioria dessas feministas encontrava mais espaço na esquerda menos ortodoxa (vale citar que o *Persona*, ao menos em seu princípio, é apontado como formado por feministas liberais). Muitas mulheres que praticavam a dupla militância, na esquerda e no feminismo, abandonaram uma ou outra devido dificuldades e divergências. Sob o slogan de “o pessoal é político”, muitas feministas viram no doméstico sua principal opressão como grupo, o que muitas vezes envolvia conjugues e companheiros de militância. Teorias marxistas permearam discussões sobre trabalho produtivo e reprodutivo, o valor de uso do trabalho doméstico, reivindicações de salário para donas-de-casa, e comparações de exploração entre burgueses / proletário e esposo / esposa. A ideia do trabalho doméstico como sustentáculo da economia, como reprodutor da força de trabalho, também era muito corrente (MELLO, 2011).

Assumindo o desafio de tirar do invisível uma função tão essencial quanto desvalorizada, os feminismos desse período se empenharam em afirmar que trabalho doméstico é trabalho, expondo que este não é nato, precisa ser aprendido e ensinado, exige treinamento. Que o fato de ser associado ao amor à família traz uma grande carga, e que para as mulheres, negar qualquer aspecto desse trabalho seria como negar o amor aos seus. Que as sociedades industrializadas, capitalistas ou não, dependem

13 Betty Friedan, em entrevista concedida à revista *Veja* em 1971, quando de sua visita ao Brasil, defendia que uma das bandeiras de luta do movimento feminista deveria ser a construção de serviços públicos que atendessem às demandas domésticas. Ver, a esse respeito, *Entrevista com Betty Friedan (Jornalista Ronald de Freitas) - Guerra às panelas*. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 137. 21 abr. 1971.

diretamente do trabalho gratuito feminino para sua manutenção. Que é um trabalho pesado, oneroso, com uma jornada sem fim e que traz grandes consequências às mulheres, físicas e psíquicas. Que a inserção das mulheres no mercado de trabalho não diminui suas responsabilidades domésticas, apenas somando a essas o trabalho formal, através da dupla jornada, como denunciado na charge de Henfil.

Aliás, é importante citar que o ‘trabalhar fora’ era uma reivindicação muito presente no período. Reivindicação essa que não faria muito sentido às classes populares, nas quais as mulheres sempre precisaram trabalhar com rendimentos. De qualquer forma, o trabalho formal era apontado como um caminho para a politização, para fugir da clausura e escravização do lar. Foi quando o problema da dupla jornada de trabalho, que tanto pesa na vida de milhões de mulheres até nossos dias, surgiu com força e levantou a discussão sobre a divisão de tarefas no lar, especialmente para as famílias que não tinham condições de contratar serviços ou pessoas para ajudar nesse sentido.

Sendo assim, assumindo que a questão do trabalho doméstico é presente nas bandeiras de luta dos feminismos até nossos dias, e que sua transformação depende de transformações culturais profundas, sua discussão nos parece muito pertinente. Para tanto, guiando-nos pelo mote da invisibilidade, levantado pelas próprias fontes, viemos aqui observar como os feminismos estudados buscaram visibilizar as problemáticas acerca do trabalho doméstico através do humor.

### Imagens do trabalho doméstico

Partindo de preocupações feministas contemporâneas, focadas na questão do trabalho doméstico e do uso do humor como ferramenta política, nos amparamos em estudos sobre imagem que permitem uma exploração bastante singular das fontes, função cara para o ofício histórico. Aliadas a essa perspectiva destacamos também a importância de compreensão dos documentos como fontes e objetos.

Ao apropriar-nos de tirinhas e charges que com-

põem os periódicos que aqui apontamos como fontes, além de considerá-las como produto do meio e como expressão visual, as entendemos como dispositivos capazes de constituir sujeitos e sentidos, não apenas para leitoras e leitores, como também para suas/seus produtoras/produtores. Afirmamos que, na medida em que imagem e discurso humorístico foram associados na produção de charges e tiras com temáticas feministas, o alcance de ideais e ideias foi potencialmente redobrado.

Não é o mesmo que dizer que uma imagem vale mais do que mil palavras, mas sim apontar que uma imagem que parte do princípio do riso como meio de ação vale a compreensão de um número muito maior de pessoas. Alheio às narrativas rebuscadas e termos teóricos, o discurso do riso aparenta, em nosso entendimento, ter impulsionado consideravelmente o mais fácil acesso àquelas informações que eram veiculadas pelos periódicos feministas. Tudo isso aliado às imagens promoveu, em nossa leitura, um alargamento de leitoras e leitores, visto que ampliou as possibilidades de compreensão. No quadrinho a seguir, referente à figura 3, a rotina de uma mulher dona-de-casa é reproduzida hora a hora.



Figura 3. Sem autoria. Brasil Mulher. São Paulo, Ano 2, nº 8, 1977. P. 14.

Entre o acordar, o alimentar-se, o lavar roupas, o cuidar das crianças, o limpar, o cozinhar e todas as outras atividades domésticas, o homem é retratado em seu local de trabalho informando a um colega: “Minha mulher não trabalha.” A afirmação, que na constituição da imagem como um todo causa estranhamento imediato, é dita e redita em muitos espaços que confirmam a invisibilidade do trabalho doméstico massivamente desempenhado por mulheres e sequer considerado um trabalho, embora seus afazeres ocupem o dia todo. O trabalho gratuito, repetitivo e não reconhecido é desconsiderado pelo homem do 8º quadro, o único com direito à fala na imagem, retirada do periódico Brasil Mulher<sup>14</sup>. Neste, o homem tornou-se protagonista em um cenário em que sequer o papel de coadjuvante lhe deveria ser concedido.

A figura 4, retirada do periódico uruguaio La Cacerola<sup>15</sup>, bem como a anterior, ocupa seus quadros com o trabalho doméstico desempenhado pela mulher. É importante destacar que inicialmente, ou seja, no primeiro quadro, o que é salientado é a igualdade de direitos sugerida pelos balões de fala em que mulher e homem cumprimentam-se e acentuam a alegria de poder votar no dia das eleições. Na sequência, contudo, a mulher dedica-se a funções domésticas, com quadrinhos silenciosos em que apenas a imagem comunica a rotina de cozinhar, limpar, cuidar das crianças. No final do dia, quando o homem já está acomodado na sua poltrona, sugerindo a hora do descanso, a mulher dirige-se à porta sob a afirmação: “Las mujeres siempre dejando lo importante para ultimo momento.” Novamente, o trabalho promovido dentro do espaço doméstico é invisibilizado pela fala do homem que compõe a cena. Assim, a tira que teve um início promissor, quando homem e mulher festejavam a possibilidade do voto, um direito igual, é finalizada com a assimetria de direitos

que permanecia no espaço privado, representada pela desvalorização do trabalho doméstico feminino, visto como ‘não importante’.



Figura 4. Autoria ilegível. La Cacerola. Uruguai, nº, 3, novembro de 1984. P 5.

Nas duas tiras selecionadas destacamos: a figura do relógio como demarcador do dia-a-dia de mulheres que dedicavam suas horas às tarefas domésticas; a representação do homem como o ‘guerreiro’ que encontra no lar seu espaço de descanso; e o não reconhecimento desse trabalho gratuito que, embora repetitivo, diário e constante, não era compreendido como função digna de consideração. Vale ressaltar ainda que, nessas imagens, o homem é representado como o protagonista, o principal ator nesse processo de anulação da importância do trabalho feminino.

É ele quem afirma que sua esposa não trabalha e ainda a acusa de deixar o mais importante, o voto, para a última hora, ignorando toda uma rotina desempenhada ao longo do dia.

Tanto a questão da invisibilidade do trabalho doméstico, quanto os debates políticos presentes no Cone Sul nesses anos, referentes às campanhas pela redemocratização dos Estados, sufrágio universal

14 Jornal produzido entre 1975 e 1980, primeiramente em Londrina, e mais tarde em São Paulo, publicado por grupo denominado Sociedade Brasil Mulher, composto por militantes do Partido Comunista do Brasil (PcdoB), da Ação Popular Marxista Leninista (APML) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), entre outras.

15 Sediado em Montevidéu, Uruguai, este periódico foi uma publicação do Grupo de Estudios Sobre la Condición de la Mujer en el Uruguay (GRECMU), e temos notícia de que se manteve ativo entre 1984 e 1988, com tiragem e periodicidade irregulares.

e ampliação dos direitos políticos, podem ser observadas nas imagens selecionadas abaixo.

Na charge do periódico Cotidiano Mujer, figura 5, uma mulher envolta em crianças chorando, comida no fogo e utensílios de limpeza é questionada pelo seu provável companheiro: “Vieja, que és lo que mas te gustaria em el día de la madre?” Ao que a mulher em aparente estado de estafa responde: “Que fueras la madre.”



Figura 5. Sem autoria. Cotidiano Mujer, Montevideú, ano 1, nº 8, 1985. P. 2.

O aparente ato de gentileza em que o homem sugere sua generosidade em presentear a esposa em função do dia das mães é contestado pela reação feminina que, negando o óbvio, não reivindica o amor familiar apenas, ou mesmo elabora uma lista de possíveis presentes. Essa mulher ‘homenageada’ pelo dia das mães pede apenas que esse homem coloque-se em seu lugar e experimente sua rotina que, para além do dito prazer de cuidar, está envolta no cansaço e no esgotamento. Assim, uma data comemorativa que, em princípio, é ainda hoje saudada pela população em geral, foi colocada em suspenso em uma charge que questiona o ônus do ser mãe nesse cenário de desigualdade no espaço doméstico. A charge também nos chama a atenção para a divisão de funções estabelecida entre maternidade e paternidade, a qual sugere que nenhum trabalho ou esforço relacionado à família que não envolva o trabalho formal ou a participação em atividades de lazer, seria paterna.

Assim como a charge anterior, a tira a seguir, figura 6, acentua as contradições de datas que, em tese, seriam motivo de comemoração para mulheres. A tira do periódico argentino Persona<sup>16</sup> fazia referência a uma das datas consideradas o grande marco dos feminismos nos países do Cone Sul: a comemoração do Ano Internacional da Mulher. O ano de 1975 é considerado por muitos o grande marco dos feminismos latino-americanos, em função da instituição por parte da Organização das Nações Unidas - ONU, do Ano Internacional da Mulher e da Década da Mulher. Joana Maria Pedro, narrando o caso brasileiro, destaca que é preciso cuidado na afirmação desse tipo de paradigma que desconsidera os movimentos da própria história. Conforme a autora, a iniciativa da ONU foi fruto de um cenário efervescente no que se refere às manifestações feministas e não o ato inaugurador dos feminismos (PEDRO, 2011: 56).



Figura 6. Sem autoria. Persona. Buenos Aires, ano 1, nº 5. P. 5.

16 A revista feminista Persona circulou na Argentina em momentos distintos e com periodicidades diferentes, com edições mensais a partir de outubro de 1974, as quais mais tarde perderam a periodicidade, sendo publicada até meados da década de 1980. Persona foi editada pelo grupo MLF (Movimiento de Liberación Femenina), cuja líder era María Elena Oddone. Em 1973, o grupo inaugurou um escritório, formaram uma biblioteca, organizaram conferências e debates sobre temas feministas e iniciaram contato com importante grupo do período, a UFA – Unión Feminista Argentina.

Na imagem, cujo título é “Brindis por el ano internacional de la mujer”, o problema da construção da igualdade de direitos no espaço doméstico é novamente ressaltado. Nas duas primeiras tiras mulher e homem encostam taças comemorando o ano da mulher, no 3º ambos observam as taças partidas no chão e no 4º a mulher é representada de joelhos limpando vidros, enquanto o companheiro, que nas representações anteriores saudava o ano internacional da mulher, prostrou-se de costas, acendendo um charuto e servindo uma nova taça para si. A tira questiona de maneira objetiva a função da instituição da ONU e o comportamento geral dos homens que, embora se mostrando satisfeitos com a ‘ampliação’ dos direitos das mulheres, não hesitavam em dar as costas para questões privadas que também envolviam os direitos das mulheres.

As duas últimas charges que trazemos em destaque, figuras 7 e 8, abordam uma mesma temática: a questão da democracia. O tema, que era frequentemente acionado para justificar a não necessidade das mulheres organizarem uma luta particular, ou seja, uma luta feminista, nas imagens do La Escoba da Bolívia, foi apresentado como argumento na comprovação da necessidade de uma luta específica dentro de uma luta geral, de uma luta focada nos problemas das mulheres, de uma luta feminista.

Enquanto na primeira charge em que é abordada a questão da democracia o homem reclama por esta no país, a mulher é representada pichando o muro para solicitar que essa democracia prevaleça também na casa. É interessante notar a função do muro no cenário como um todo, na medida em que ele é o espaço de publicização de uma reivindicação que, no caso da mulher, vestida com um avental que sugere suas atividades domésticas, trouxe ao espaço público, representado pelo muro, uma questão considerada privada: o lar. Nesse sentido, a charge é emblemática ao nos remeter a um dos principais slogans ou motes de reivindicação das feministas nesse período, a ideia de que “o pessoal é político”.

A segunda imagem dialoga diretamente com a primeira, visto que representa um casal reivindicando igualdade e democracia, direitos que, no quadro de número 3, são esquecidos por um companheiro que repousa na poltrona frente ao televisor e pergunta a uma mulher com crianças a tiracolo: Que tenemos para comer? As duas últimas imagens, extraídas de periódico feminista boliviano, não só problematizam a questão do trabalho doméstico, como ironizam o comportamento da figura desse homem que luta pela democracia, desde que essa democracia não adentre a soleira da porta de casa.

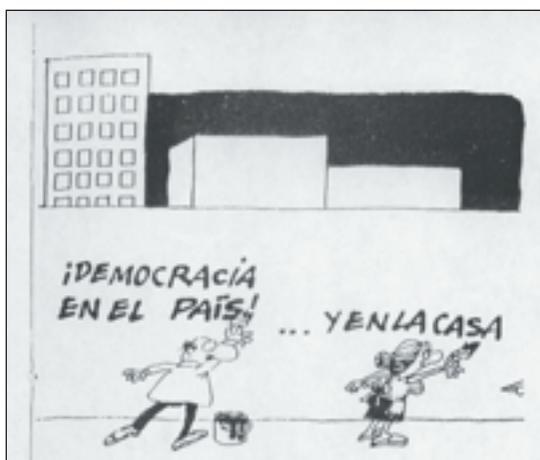


Figura 7. Sem autoria. La Escoba, ano 2, nº 6, novembro de 1987. P.11



Figura 8. Sem autoria. La Escoba, ano 2, nº 6, novembro de 1987. P.27.

### E o debate está aberto

As discussões promovidas pelos feminismos dos anos 1970 e 1980 no Cone Sul acerca do trabalho doméstico são amplas, e não temos condições, no espaço de um artigo, de retratá-las em sua totalidade, com a merecida atenção. Nem mesmo apenas aquelas discussões elencadas pelas charges porque, como repetimos antes, as publicações feministas deste período utilizaram a ferramenta imagética do humor constantemente na abordagem do trabalho feminino, ou seja, o volume de charges e tirinhas é grande. Questões caras a estes debates, como o trabalho doméstico feminino e o trabalho das mulheres em geral como sustentáculo da sociedade (capitalista ou socialista); como o condicionamento, treinamento

e formação das meninas e mulheres para o trabalho de dona de casa; como as complexas questões que alicerçam a noção de papel social de esposa e mãe; e noções ou conceitos datados, e muito utilizados pelas feministas do período, para explicar a subordinação das mulheres de forma geral e especificamente referente ao trabalho doméstico, como a dupla moral sexual, o patriarcado e a divisão sexual do trabalho, ficaram de fora de nossa análise direta das fontes.

Contudo, esperamos que a seleção de imagens tenha trazido à tona algumas características que gostaríamos de frisar nas publicações analisadas: a rede de trocas que existia entre os feminismos Sul Americanos no período; as configurações políticas não apenas nos países de publicação dos periódicos, mas principalmente referentes diretamente à suas produtoras, de forma geral militantes engajadas em grupos de esquerda ou apenas de resistência à ditadura, em lutas anticapitalistas ou pela redemocratização de seus países; a importância dos feminismos em processos de crítica interna dentro dos grupos de esquerda, os quais em geral lutavam pela liberdade de todas as pessoas, mas pareciam não enxergar a opressão específica das mulheres; assim como a incômoda atualidade de algumas das imagens selecionadas. O assombro que pode nos causar observar imagens de crítica feminista que tem seus 30 ou 40 anos, mas que repetem cenas que muitas vezes vemos em nosso dia a dia, ao nosso redor ou em representações midiáticas, pode nos ajudar a refletir sobre o quão arraigadas estão algumas questões que, por serem consideradas privadas e ligadas aos costumes, nos exigem atenção constante, a longo prazo, para que mudanças progressistas possam se efetivar.

## Fontes

Entrevista realizada com Ângela Xavier de Brito, em 28 de novembro de 2005, em Paris, por Joana Maria Pedro. Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH- UFSC).

Entrevista realizada com Betty Friedan por Ronald de Freitas - Guerra às panelas. Veja. São Paulo: Abril. n. 137. 21 abr. 1971.

Figura 01: Brasil Mulher. São Paulo, Ano 2, nº 8, 1977.

Figura 02: Cotidiano Mujer. Montevideú, ano 1, nº 8, 1985.

Figura 03: La Cacerola. Montevideú, ano 1, nº 2, julho de 1984.

Figura 04: La Cacerola. Montevideú, nº 3, novembro de 1984.

Figura 05: La Escoba. La Paz, ano 2, nº 6, novembro de 1987.

Figura 06: Mulherio. São Paulo, nº zero, março/abril de 1981.

Figura 07: Mulherio. São Paulo, ano 2, nº 7, maio/junho de 1982.

Figura 08: Persona. Buenos Aires, ano 1, nº 5, novembro/dezembro de 1980.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail (2002). *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora HUCITEC.

BERGSON, Henri (1978). *O riso – Ensaio sobre o significado do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara.

BORGES, Joana Vieira(2007). *Para além do “tornar-se”: ressonâncias das leituras feministas de O segundo sexo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis, UFSC.

CAPELATO, Maria Helena Rolim (1988). *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP.

CARDOZO, Elizabeth (2004). *Imprensa feminista brasileira pós-1974*. Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

GOIDANICH, Hiron Cardoso (2011). *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre, RS: L&PM.

HAHNER, June E. (1978). *A mulher no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira.

HEMMINGS, Clare (2009). “Contando histórias feministas”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 17. n. 1, : 215-241.

KUCINSKI, Bernardo (1991). *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritt.

MARCONI, Paolo (1980). *A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)*. São Paulo: Global editora.

MELLO, Soraia Carolina de (2011). *Trabalho doméstico: coisa de mulher? Debates feministas no Cone Sul (1970-1989)*. Rio de Janeiro: Multifoco.

PEDRO, Joana Maria (2011). “Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea”. *Topoi*, v. 12, n. 22, :270-283, jan.-jun.

\_\_\_\_\_. (2011) “O feminismo que veio da França”. In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur César; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (org.). *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Todapalavra.

PRADO, Danda (1979). *Ser esposa – a mais antiga profissão*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros (2010). “Millôr e o Cenário Carioca dos Anos 60”. In: *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Memória e Patrimônio*, UNIRIO. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038\\_ARQUIVO\\_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_ARQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf) Acesso em: 12 de março de 2011.

SALIBA, Elias Thomé (2002). *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos de rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.

SKINNER, Quentin (2002). *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora da Unisinos.

SMITH, Anne Marie (2000). *Um acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.

SOIHET, Rachel (2005). “Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários”. *Revista Estudos Feministas*, vol. 13, n; 3, pp. 591-611, setembro-dezembro.

VEIGA, Ana Maria (2009). *Feminismos em rede? Uma história da circulação de discursos e informações entre São Paulo e Buenos Aires (1970-1985)*. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Florianópolis, UFSC.

WOITOWICZ, Karina Janz (2009). *Recortes da Mídia Alternativa: histórias & memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Editora da UEPG.

#### Sites consultados

<http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/historia.html> Acesso em 24/07/2012.

Recebido em: 05/04/2013

Aceito em: 15/05/2013